

Fábula Iraniana

Leonardo Danilo Ribeiro*

Um garotinho cabeçudo pergunta a um velho bebum a quantas anda de contar histórias. O velho dá uma golada na garrafa, arrota e começa a tagarelar:

Uma estrada perdida no interior brasileiro. Uma tarde nublada e chuvosa. Um cachorro sarnento de orelhas e rabo caído anda de uma margem a outra do asfalto. Saco de pelancas coça o lombo e sente certo alívio. No gramado umedecido pela garoa, lança os olhos desgraçados ao outro lado. Glóbulos úmidos e cansados fitam um horizonte de cimento. Grama. Borracha retalhada. O cão dá início a uma segunda caminhada pelo piche gelado. Chega ao destino. Não tem muito saco de abanar o rabo. Certos vermes estão atolados até suas tripas. Ele mete o focinho na verdura. Volta a fitar o outro lado. Lá vamos nós de novo...

Alguns quilômetros atrás, um ponto preto rasgando a neblina em alta velocidade. O cavaleiro-negro da estrada. Seu motor uiva. Troveja. Machuca. Engasga no assoalho preto. Tudo enegrecido. Moto de metal. Jaqueta. Capacete. Bolso. Alma. Corta o tempo. Corta a garoa. Assassino é dos pequenos pingos que caem. Diamante ralado. O motoqueiro que vem pela rodovia...

O cão atravessou mais uma vez seu destino-itinerário. Destino-itinerante. Pêndulo no asfalto. Um caminhão de óleo range ao longe. Nada escuta o cão em seu vai-e-vem. Boné de time de beisebol americano. Óculos-escuros do Paraguai. Camisa do Palmeiras. Pé no freio? Não! O caminhão capota. Melhor reduzir um pouco e tentar desviar? Foda-se, vou passar por cima. O preço do pedágio lá em cima não deveria ter cachorro na via. Deveriam se manter nos escritórios. Concessionários do governo. Quanta reflexão. Decidir-se por meter novamente o pé no acelerador! O cão mantém seu ritmo. Caminhão/cão. O primeiro passa bólido. O segundo. Outra margem...

No bolso da casaca a foto da namorada. Guidão, a mão de couro preta. Lembra-se de quando foi desviar de um carro na Avenida Paulista.

O veículo sem nenhum arranhão. Meteu a frente da moto na boca de um menino que atravessava a rua. Nada de mais. Quatro dentes quebrados. Não eram os dele. A criança banguela. Garoa começa a ficar mais forte. Tempo mais gelado...

De um lado para outro, o animal. Cadáver desavisado. Onde estaria mesmo seu estômago? Se um dia houve tal coisa, deve ter ficado bem para dentro. Escondido nas costelas. Ossos salientes. Atrofiou-se. Sumiu-se. Não sabia há muito o que era comer. Mais uma voltinha, então? O que perder? Vamos lá...

Tem que correr para entregar essa sacola negra no Interior do Estado. Motocicleta não tão possante. A gente faz o que pode. Os documentos eram relativos. Relativos ao patrão. Relativo. Para ele a paisagem negra do asfalto. Verde ao redor. Tudo se empastando com o tempo. Mancha. Trevas. Para o exterior era assim que era ele. Na alma graxa de sapateiro. Coturno de exército...

Maria Izilda separou-se ontem do marido. Levou a criança. O desgraçado foi se casar com prostituta. Maria Izilda tá puta! O Corsa financiado ainda não foi pago. Não importa! Vou pra casa da mamãe. Levo Maria Izildinha. Pára de esticar essa boneca. Menina! Começou a anoitecer na estrada. Um breu só! Certas coisas brilhando. Coisas úmidas. Memórias. Pensamentos. Histórias. Olhos. Fitando o outro lado da via. Ossos. Pele flácida. O alvo uma vez mais. Canto de lá. Maria Izilda nem tem olhos. Epopéia do fugitivo da carrocinha. Izildinha não pára de chatear a mãe e a boneca. No banco de trás. Cachorro! Porra! Filho-da-puta! Brecou. Chuvisco. O carro vai derrapar e se capotar? Izilda é classe média cristã. O que quer que seja isso. Tenho que parar! É uma vida! Algo diz dentro dela. Nela. A borracha grita. Filete na película de água que cobre o chão. O cão! Barulho estranho. Chove. Izilda não sabe muito bem porque não há cheiro de sapato queimado! Menina. Por que a cara de boba? Filho da puta do teu pai...

O rapaz tinha vinte e dois. Serviu o exército. O pai pediu para seguir carreira. O desemprego tá brabo! E daí. Sou malandro. Arranjo qualquer coisa para me virar! Sou jovem. Nos quartéis, a bota é engraxada com cera. Depois se passa o fio de uma vela. A graxa se une ao couro. Brillantina. Chuva chata! Ainda se caísse um toró parava em algum posto. Marginal...

Talvez porque caísse a noite o movimento começou a aumentar. A rodovia. De quando em quando. Lanterna se anuncia. Frio. Nada do porte de um horário de pico. Rio de luz maquínica no asfalto. É só uma estradinha. Interior. Um cão indo de um lado a outro. Desviando do tráfego? Nem aí. Sua missão é andar. Para um canto. Chega. Embora para outro. Carros desviando. Uns passam por cima. Existem outros que até miram a bolota. Melhor. Vareta negra. O cão é preto. O pêlo não dá pra dizer. A sarna comeu! Mas o cão é preto. O motoqueiro...

Ligou o farol. Máquina velha. Visibilidade difícil. Vamos lá! Quase lá! Mas o pouco de verde que havia na rodovia se foi. Lanterna pifou. Viu um ponto ao longe que atravessou. Tudo preto. Agora. A coisa tá de um vazio só. Se a vida era besta? Ia se vivendo. Depois a gente. Via. Vi alguma coisa ali. Quase ali. Ca - Caralho! Cão! Desviou. Escorregadio. Não era Corsa de classe média. Moto-boy pro chão. Couro rasgado. Pro chão. A moto foi pra puta-que-o-pariu! Cade ela? Cade eu? Tá onde? Eu vi. Um bicho feio me fitou. Olhos claros. Isso eu vi. Desviei. Meio assim. Instinto. Goleiro do Botafogo! Fugiu da bola. Mesmo assim. Não marcou o pênalti.

Que nada. Impressão minha. Um cachorro sarnento. Lado a outro. A moto foi parar no acostamento. Sangue. O capacete até que serviu pra alguma coisa. O danado do animal não tá nem aí! Olha. Será que tá cherado? Tá nada. Lento. Monge. Padre negro. Sarnento. Quase morri. Vivi...

Clarisse é consultora de moda na metrópole. Aproveitando o feriado. Indo passar uns dias na casa da mãe. Interior. Moça chique. Carrinho de madame. Devia ter saído um pouco mais cedo. Mas e se o chuveiro parasse. Ora, Clarisse? A menina podia ter ido de manhã. Outro dia. Sair um pouco da cidade. Ela é poluída. Negra. Sabe? O carro é de madame. Ar condicionado. Tintura azul no cabelo. Cool! Madrugada. Farol aceso. Holofote do exército alemão na Segunda-guerra! Ilumina! Explosão do sol! Pezinhos de moça. Esmalte turquesa. O freio é pisado suavemente. Delicadamente. Não sem um certo nervosismo. A via é negra...

Madrugada. Véspera de feriado. Clarisse. Seu carrinho de perua estancado no meio da rodovia privatizada. Talvez eles devessem cuidar melhor da situação. O cidadão paga tão caro! Cara de estátua de gelo. Acende o cigarro e se acalma. Anglicanamente. Cena iluminada por seu carro. Pega a bolsa ao lado. Caminha até o meio do quadro. Passa por uma motocicleta espatifada no acostamento. Dois pares de olhos fitam o horizonte perpendicular a ela. Vão até seu objetivo. Um motoqueiro e um cão pulguento. Relógio londrino. Coccia. Novamente a grama. O lado marginal. A rodovia. Clarisse tira o saltinho de madame. Retorna até o carro. Dá uma rezinha. Veículo encostado. Última tragada. Joga o cigarro. Piteira no painel. Asfalto. Alguns minutos observando o cão e o moto-boy. Vai-e-vem. Vem-e-vai. Dondoquinha ensaia alguns passinhos. Estrada. Gostou! Agora é só olhar. Horizonte. Devagarinho para não dar mancada. Bateria não era boa. O farol rapidamente apaga. Frio. Escuro de novo. Não que antes não estivesse. A moça já na sétima volta. Antes a luz elétrica dava um certo charme ao local. Tudo entrevado de novo. O carrapato do cão sarnento. Ao longe. A madrugada. Cônicas de luz bailam instantes. Instantes. Depois tudo fica meio estranho. Negrume...

Cão. Motoqueiro. Estilista. Padeiro. Médico. Dona-de-casa. Policiais. Engenheiros. Oscilando. Estrada. Asfalto no céu. Olhos vítreos. Horizonte abortado. Embotado. Aportam. Onde...

Os iranianos de algodão, estão pasmados junto ao fogo da história. Um brilho histórico à sua frente.

O menino quebra o silêncio e pergunta a moral. O velho responde.

Moral da história:

Eu sou um cachorro pulguento de um lado a outro da estrada. Acho que entrevi você em algum lance lá atrás, mas quem era? Um motoqueiro, uma estilista, um padeiro, um médico, uma dona-de-casa, policiais, engenheiros. Ou então: um caminhoneiro, Maria Izilda, seu marido, Izildinha? Canino ou humano? Pouco importa: ambos somos à toa.

Uma pitada a mais, casual. O idoso e o menino continuam a conversar.

Garoto: Quem sou eu, velho?
Velho: Sei lá? O leitor ou a rainha da Inglaterra?
Garoto: Brasil, Irã, Timor ou E.U.A?
Velho: Faz diferença?
Garoto: Não sei?
Velho: Talvez esteja em quem aperta o botão, quem tem a alavanca da força, o fórceps do médico. Você deveria ser xiita ou sunita para saber...
Garoto: Que tanto hermetismo, meu senhor?
Velho: Fabulismo... O peixe na geladeira, as cabras no pasto...
Garoto: Cê é comunista? Cê é cristão? Pederasta, então?
Velho: Sei lá, acho que vagabundo...



O Trabalhador - Raffaelli

*Leonardo Danilo Ribeiro - Aluno do curso de bacharelado em Artes (Imagem e Som) da UFSCar.